

Técnicos advertem governo

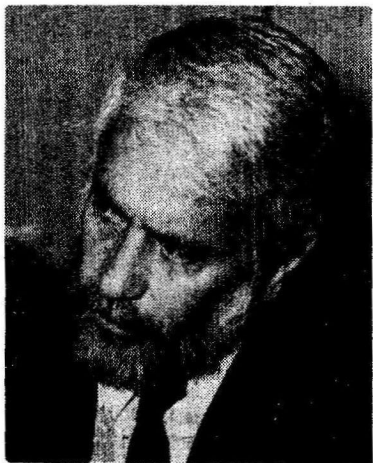
São Paulo — A conversão da dívida externa em capital de risco sem a observação de critérios rigorosos levará o País a uma profunda desnacionalização dos meios produtivos, aceleração da base monetária e mudança no padrão de investimento, ou seja, o contrato de conversão traria embutida a permissão da entrada de tecnologia estrangeira em todos os setores, como informática. Economistas e ex-membros do Governo fizeram essa advertência ontem e apelaram para que a atual equipe econômica não aceite condições leoninas dos bancos estrangeiros que aceitem converter a dívida em capital de risco de terceiros.

O debate foi realizado no Conselho Regional de Economia (Corecon) de São Paulo e contou com a participação do ex-assessor do Ministério da Fazenda, Luiz Gonzaga de Mello Belluzo, o ex-presidente do IBGE, Edmar Bacha, e o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Antônio Barros de Castro.

Edmar Bacha afirmou que o valor total das ações em bolsa do País é de apenas US\$ 20 bilhões, preço altamente compensador para os bancos credores.

Bacha apontou três opções para a conversão da dívida de forma a não trazer perigos ao País:

— Pode-se pensar em títulos dando direito a seu proprietário



Bacha oferece alternativas

da parcela das exportações de empresas estatais, o que não levantaria o problema da desnacionalização, mas proviria os bancos de fonte adequada de divisas estrangeiras. Outra possibilidade seria um título com uma taxa de juros básica, fixa, mais uma parcela das exportações acima de certo valor.

A terceira alternativa apontada por Bacha é a de os investidores internacionais trocarem seus empréstimos por uma garantia, válida por 20 anos, de uma percentagem das vendas de um novo investimento produtivo, como uma hidrelétrica ou uma rodovia com pedágio. Os títulos teriam o aval do Banco Mundial.